



miguilim

revista eletrônica do netlli
volume 1, número 1, dez. 2012

“PERSONA”: O SER E O APARECER



Ana Gleysce Moura BRITO (Netlli/URCA)
Vlândia Rayanna David de ALMEIDA (Netlli/URCA)
Newton de Castro PONTES (URCA)

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 29/09/2012 • APROVADO EM 29/09/2012 (AUTORES CONVIDADOS)

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar a crônica “Persona”, de Clarice Lispector, à luz dos conceitos de exotopia e excedente de visão, formulados por Mikhail Bakhtin.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Persona. Máscara. Bakhtin. Clarice Lispector. Exotopia.

Usaremos como objeto de análise a crônica (ou texto-fragmento) “Persona”, de Clarice Lispector, publicada no *Jornal do Brasil* em dois de março de 1968 e organizada no livro de crônicas **A Descoberta do Mundo** de 1984. Como suporte teórico para a compreensão do texto de Clarice, partiremos das contribuições filosóficas de Mikhail Bakhtin no que diz respeito ao personagem na atividade estética, especialmente a partir dos conceitos de exotopia e excedente de visão. O termo *Persona*, que dá título ao texto analisado, deriva do latim e refere-se às máscaras utilizadas pelos atores do antigo teatro grego. Tais máscaras eram *tipificadas e serviam para determinar, de antemão, a personalidade de cada personagem*, indicando o destino final delas.

Antes de tudo, faremos um questionamento a respeito de um problema que surge logo de início. Afinal, quem fala no texto? Clarice Lispector (autor pessoa) ou um análogo ficcional à Clarice? (autor criador). É preciso ter em mente que há uma distinção entre autor pessoa e autor criador. Enquanto o primeiro é componente do mundo ético e social da vida, o segundo é componente da obra. Pois bem, não podemos dizer com exatidão, uma vez que um pode ser confundido com o outro facilmente. Neste caso, é ainda mais difícil delimitar, pois o texto traz elementos autobiográficos. Como vemos no texto:

Vou falar de pessoa, que *persona* lembra. Acho que aprendi o que vou contar com meu pai. Quando elogiavam demais alguém, ele resumia sóbrio e calmo: é, ele é uma pessoa. Até hoje digo, como se fosse o máximo que se pode dizer de alguém que venceu numa luta, e digo com o coração orgulhoso de pertencer à humanidade: ele, ele é um homem. Obrigada por ter desde cedo me ensinado a distinguir entre os que realmente nascem, vivem e morrem, daqueles que, como gente, não são pessoas (LISPECTOR, 1999, p.80).

Podemos inferir um caráter autobiográfico ao trecho acima citado por se tratar de um texto que foi publicado como crônica e por conter elementos próprios da biografia, como as lembranças do passado e o agradecimento ao pai. Porém, não podemos afirmar que a figura do pai é real, visto que a autora pode ter criado um ser fictício. Na biografia, o autor pode ser confundido com a personagem, é o que diz Bakhtin:

Entre todos os valores artísticos, o biográfico é o menos transgrediente à autoconsciência; por isso na biografia o autor está mais próximo do herói

desta, os dois como que podem trocar de lugar, e por esta razão é possível a coincidência pessoal entre personagem e autor além dos limites do todo artístico. (BAKHTIN, 2006, p.139.)

No entanto, a coincidência entre autor e personagem, segundo Bakhtin, é uma *contradictio in adjecto*, ou seja, uma contradição. O autor e a personagem são elementos do todo artístico e por esta razão não devem coincidir dentro desse todo.

Deixemos de lado essa questão, vamos agora ao que nos interessa aqui, que é a máscara (*persona*) sob a ótica de Bakhtin no que diz respeito à exotopia. Logo no início do texto, a autora faz um paralelo entre o filme dirigido por Bergman, também intitulado “Persona”, e a vida. No filme, a personagem principal é uma atriz que prefere ficar muda a ter que viver apenas de aparências, de atos falsos. Ela quer deixar de apenas *aparecer* para passar a *ser*, por isso cala-se. Enquanto no texto, a máscara (ou máscaras) é retratada como algo não exatamente positivo, mas necessário.

Inclusive os adolescentes, estes que são puro rosto, à medida que vão vivendo fabricam a própria máscara. E com muita dor. Porque saber que de então em diante se vai passar a representar um papel é uma surpresa amedrontadora. É a liberdade horrível de não ser. E a hora da escolha (LISPECTOR, 1999. p.80.)

A máscara que eu escolho para apresentar-me ao mundo passa a ser a minha plena imagem externa, aquilo que eu sou para os outros, não para mim. “Mas quando enfim se afivela a máscara daquilo que se escolheu para apresentar-se e representar o mundo, o corpo ganha uma nova firmeza, a cabeça ergue-se altiva como a de quem superou um obstáculo. A pessoa é.” (LISPECTOR, 1999. P.80.). A partir do momento em que eu escolho a minha *persona*, passo a representar um papel quase que constantemente, o que pode me levar a esquecer de quem verdadeiramente sou por dentro (eu para mim) e a acreditar na máscara que eu criei, inicialmente, com o propósito de ser aceito na sociedade. A face que eu escolho para confrontar o mundo (me proteger do mundo), ou seja, esse momento em que escolho a forma como desejo ser visto pelo outro, é o que trata Bakhtin ao falar sobre exotopia, espelho, autorretrato.

É verdade que até na vida procedemos assim a torto e a direito, avaliamos a nós mesmos do ponto de vista dos outros, através do outro procuramos

compreender e levar em conta os momentos transgredientes à nossa própria consciência: desse modo, levamos em conta o valor da nossa imagem externa do ponto de vista da possível impressão que ela venha a causar no outro (BAKHTIN, 2006. p. 13.)



A exotopia, ou olhar distanciado, diz respeito ao fato de que só o outro pode me dar acabamento, e só a partir do outro eu posso me enxergar como totalidade. Sou organicamente incapaz de me ver por inteiro; portanto, para ter uma visão externa de mim mesmo, preciso sair do meu lugar e assumir o lugar do outro em relação a mim. Ainda que, para isso, seja necessário imaginar esse outro, produzido ficcionalmente: “Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem.” (BAKHTIN, 2006, p.21). Em qualquer situação que esse outro esteja fora e diante de mim, ele sempre será capaz de enxergar partes do meu corpo que eu não tenho acesso, como minha expressão, meu rosto, minha cabeça, o mundo por trás de mim e uma série de objetos que são inacessíveis a mim, mas acessíveis a ele. Esse excedente de visão só é possível a partir do momento em que o outro, do seu lugar fora e diante de mim, dá acabamento ao eu. Tal acabamento, entretanto, só é possível depois de haver essa interação eu/outro e, por conseguinte, o retorno ao lugar originário. Isto é, só depois de eu retornar ao meu lugar ordinário é que poderei completar o horizonte do outro:

[...] eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse lugar se descortina fora dele [...] (BAKHTIN, 2006. p. 23.)

O excedente de visão nada mais é do que a visão privilegiada que eu tenho do outro pelo lugar que ocupo fora dele e, obviamente, a forma como o outro me enxerga a partir do lugar que ele ocupa fora e diante de mim. No entanto, por mais que eu consiga ter uma visão exotópica de mim mesmo, fica claro que pelos olhos desse outro fictício eu não posso ver o meu verdadeiro rosto, mas tão somente a minha máscara. Essa máscara (*Persona*) é a imagem externa escolhida por mim para me representar:

[...] Aquela mesma que nos partos de adolescência se escolhe para não se ficar desnudo para o resto da luta. Não, não é que se faça mal em deixar o próprio rosto exposto à sensibilidade. Mas é que esse rosto que estava nu poderia, ao ferir-se, fechar-se sozinho em súbita máscara involuntária e terrível. É, pois, menos perigoso escolher sozinho ser uma pessoa. Escolher a própria máscara é o primeiro gesto voluntário humano. E solitário. [...] (LISPECTOR, 1999. P.80.)



Nesse trecho, a autora aborda a questão da máscara como algo positivo e, sobretudo, necessário. Para ela, vale mais usar uma máscara voluntária, que eu escolhi para me mostrar ao mundo e ao outro, do que não usar máscara alguma e estar sempre desprotegido, de “rosto nu” (LISPECTOR, 1999. p.80) É como se a máscara, mesmo sendo abstrata, fosse um escudo protetor do meu eu interior (verdadeiro), que me protegeria das agressões externas, além de me fazer, aparentemente, mais forte e mais apto a corresponder às expectativas do mundo ao meu redor.

No entanto, em algum momento da vida, a máscara cai por terra “[...] por um olhar passageiro ou uma palavra ouvida – de repente a máscara de guerra de vida cresta-se toda no rosto como lama seca, e os pedaços irregulares caem com um ruído oco no chão.” (LISPECTOR, 1999. p. 80.). De repente, uma máscara de uma vida é destruída, e eis que surge a pessoa, seu eu verdadeiro: “o rosto agora nu, maduro, sensível quando já não era mais para ser” (LISPECTOR, 1999. p.81). A *persona*, esta morrerá até que nasça a próxima e diga: “esta é uma pessoa” (LISPECTOR, 1999. p.81.) Estamos sempre nos reinventando.

Referências

LISPECTOR, Clarice. Persona. In _____. *A Descoberta do Mundo*. Rio de Janeiro, Rocco, 1999. p. 79-81.

BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética. In _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Para citar este artigo

“Persona”: o ser e o aparecer. BRITO, Ana Gleysce Moura, ALMEIDA Vlândia Rayanna David de, PONTES Newton de Castro. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 1., n. 1., 2012, p. 65-70.

Ana Gleysce Moura Brito é graduanda em Letras, pela Universidade Regional do Cariri e bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq, sob orientação do Prof. Newton de Castro.

Vlândia Rayanna David de Almeida é graduanda em Letras, pela Universidade Regional do Cariri e bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq, sob orientação do Prof. Newton de Castro.

Newton de Castro Pontes é Licenciado em Letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e Mestre em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Atualmente, é Professor Auxiliar de Teoria da Literatura na mesma instituição em que se graduou (URCA), e aluno do Doutorado em Teoria da Literatura na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Desenvolve pesquisas nas áreas de Teoria do Conto, Crítica Textual e Sociologia Aplicada à Literatura. É membro do Núcleo de Estudos em Teoria da Literatura. Publicou, em co-autoria com Edson Soares Martins e Ridalvo Félix de Araújo, o livro **Sujeito e subalternidade na literatura brasileira: primeiros ensaios** (2010). Organizou, com Antony Cardoso Bezerra e Thiago da Câmara Figueiredo, a coletânea **Narrativa de ficção portuguesa no século XX: estudos de crítica literária** (2011).